

Redes sociais como demarcação do universo juvenil: identidade, cultura e institucionalização

Social networks as a demarcation of the youth universe: identity, culture and institutionalization

Marcos Elias Emerim

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

São Leopoldo/Brasil

Josimar de Aparecido Vieira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRGS)

Sertão/Brasil

Rhuany Andressa Raphaelli Soares Faturi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Porto Alegre/Brasil

Resumo

A preocupação central deste ensaio é com o universo juvenil e tem a finalidade de compreender como são percebidas e estruturadas as culturas juvenis a partir das influências das redes sociais. Constituído numa abordagem qualitativa e dialética, foi produzido por meio de pesquisa bibliográfica, seguindo os tipos de pesquisa descritiva e exploratória. Analisa o jovem como sujeito social diverso e influenciado por redes sociais; examina formas de manifestação e (re)afirmação das culturas juvenis e discorre sobre a relação entre os jovens e a redes sociais e as necessidades destas juventudes. As repercussões indicam que entender as manifestações e formações de identidades juvenis nas redes sociais é fundamental para se construir alternativas que acolha e aceite as singularidades existentes e promova formação crítica tornando-os autônomos e independentes.

Palavras-chave: Juventudes; Culturas juvenis; Redes sociais.

Abstract

The central concern of this essay is with the youth universe and has the purpose of understanding how youth cultures are perceived and structured from the influences of social networks. Constituted in a qualitative and dialectical approach, it was produced by means of bibliographic research, following the types of descriptive and exploratory research. It analyzes young people as a diverse social subject influenced by social networks; it examines forms of manifestation and (re)affirmation of youth cultures and discusses the relationship between young people and social networks and the needs of these young people. The repercussions indicate that understanding the manifestations and formations of juvenile identities in social networks is fundamental to building alternatives that welcome and accept the existing singularities and promote critical formation making them autonomous and independent.

Keywords: Youth; Youth cultures; Social networks.

1. Introdução

A condição juvenil foi, por muito tempo, percebida e associada a um estágio biológico e transitório da vida, colocada, principalmente, como uma passagem para a condição adulta. Essa visão, atrelada a um vir a ser, encontra-se em constante desconstrução, tanto pelo desenvolvimento da própria sociedade quanto, prioritariamente, pelos marcos de representatividade que a juventude vem consolidando. No período atual, podemos dizer que os jovens não se enquadram apenas em um processo temporal, mas sim que se afirmam e se instituem enquanto uma condição social própria.

A constituição do ser jovem tem se apropriado da própria constituição do sujeito enquanto ser social e cultural. Assim, as formas de reconhecimento, socialização e manifestação da juventude criam uma identidade intrínseca. Constituir uma identidade incorre em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. O processo de crescimento e constituição da identidade está estreitamente ligado a um contexto que permeia os mais diversos aspectos do desenvolvimento humano, indo desde a questão financeira do sujeito até o aspecto familiar no qual está inserido. A identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o sujeito está comprometido (ERIKSON, 1972).

A imagem desta categoria não somente tem se tornado expressiva no âmbito das diversas esferas sociais, como também tem se fundado como um modelo a ser notável e desejado, fazendo com que ela se torne um importante objeto de investigação por diferentes áreas do conhecimento.

Quando falamos em ser jovem precisamos entender que, apesar de se constituir enquanto uma categoria, suas formas de expressão e organização são as mais diversas possíveis. Isso significa que é impossível determinar e delimitar apenas uma maneira de existência e vivência da juventude. Parte-se, então, da noção de que o ser juvenil, por meio das suas experiências, relações e recursos disponíveis, só consegue ser compreendido quando consideramos a sua diversidade. Sendo assim, a condição de juventude é determinada pela sua pluralidade, ou seja, pelas inúmeras juventudes que a compõe. Dentro deste aspecto, torna-se possível entender de que forma os jovens desenvolvem seus diferentes estilos de vida e seus modos de identificação e reconhecimento, não somente perante os outros, mas também para si.

A sociedade atual, por meio dos seus elementos culturais, midiáticos e tecnológicos e baseada em características dinâmicas e imediatistas, permite uma amplificação significativa e uma infinidade de possibilidades dos papéis sociais que o jovem consegue manifestar. Os recursos aos quais se tem acesso fazem com que seja concebível uma flexibilização do sujeito, viabilizando identidades mais fluídas e reforçando, ainda mais, sua pluralidade. A utilização dos recursos materiais e simbólicos que permitem essa flexibilidade geraram uma visibilidade e uma valorização maior da juventude. Nesse sentido, essa categoria passa a ter seu espaço mais reconhecido, se torna mais autônoma, sua cultura é constantemente (re)produzida e seu papel de protagonista é acentuado.

De acordo com Stamato (2009), o protagonismo é associado

[...] a diversas posturas, ações e atores, sem deixar claro o referencial metodológico, ou seja, as estratégias e condições para sua operacionalização, o que impede que saia da teorização e se torne realidade no interior da dinâmica pedagógica, abrindo espaço para o “protagonismo regulado”, obediente às orientações e objetivos definidos pelos adultos (STAMATO, 2009, p. 2).

No cerne dessa discussão, podemos destacar um recurso que demarca e atende aos anseios da pluralidade juvenil na sociedade moderna, a saber, as redes sociais. A construção e a variação da juventude são possibilitadas, diariamente, pelas interações, representações e manifestações entre estilos de vida, principalmente entre os próprios jovens. As redes sociais surgem, nesta perspectiva, como um componente que expande essa vivência e promove trocas identitárias quase de forma ilimitada.

No entanto, é comum vermos, nestes espaços virtuais, a manifestação de padrões de vida esperados ou desejados socialmente, que acabam influenciando a categoria juvenil. Sendo assim, é possível percebermos que as redes sociais podem repercutir de diferentes formas entre os jovens. Por lado, verificamos que uma identidade virtual permite que o jovem seja aquilo que ele deseja ou, em outras palavras, aquilo que ele deseja mostrar. O papel social construído naquele espaço é moldado e apresentado de acordo com a sua intencionalidade, sem corresponder necessariamente com a sua realidade. Assim, os jovens podem se expor com o intuito, por exemplo, de serem aceitos em determinado grupo ou de representar um estilo de vida específico. Ainda, é importante ressaltar que do mesmo jeito que esses papéis são consolidados e se constroem de forma dinâmica, suas alterações e transições também acontecem com essa destreza.

Por outro lado, retomando a questão dos padrões sociais, é comum observarmos que as redes sociais se colocam como um espaço de reprodução, indução e uniformização de certas estéticas, visões de mundo e aquisições, não somente relacionadas a aspectos concretos, mas também subjetivos. No caso da juventude, isso se torna uma influência considerável, pois vende-se a ideia, enraizada pela sociedade do consumo, de que adquirir determinados modos de vida te faz ser mais ou menos aceito pelos grupos ou te faz mais ou menos pertencente de uma categoria/identidade.

Nesse sentido, poderíamos pensar que a juventude só se mostra plural, principalmente nas redes sociais, até o ponto em que o condicionamento de uma cultura consumista e midiática permitem que ela seja? Ou então que os estilos de vida representados pela cultura juvenil nas redes sociais só correspondem àquilo que se espera externamente? Que os jovens podem ter dificuldades de se identificar e se reconhecer em alguns aspectos devido a pluralidade de pensamentos e comportamentos disseminados e defendidos nas redes sociais, principalmente no que diz respeito a condição juvenil?

Esses questionamentos são importantes para pensar até que ponto realmente conseguimos apreender a questão juvenil ou de que maneira podemos nos aproximar mais concretamente dessa realidade que se encontra em constante mudança. A juventude, por si, já é uma categoria representada pela sua diversidade, pelas suas inúmeras possibilidades ser e pelos seus processos de experimentação e vivências em diferentes campos, principalmente o cultural. O sujeito jovem, com o passar do tempo, conseguiu construir suas próprias ferramentas de aprendizado e socialização, a partir dos recursos disponíveis nas suas trajetórias, não sendo mais necessário buscar seus horizontes exclusivamente em costumes tradicionais.

As redes sociais aparecem aqui como um reforço de todos esses aspectos, possibilitando as formações do jovem por meio de parâmetros e culturas globais. Os ambientes virtuais já são uma realidade cotidiana na vida da juventude. As formas de comunicação acontecem quase que exclusivamente em redes sociais, a linguagem utilizada é baseada em abreviações e figuras, sua imagem pode ser construída e desconstruída quase que momentaneamente, pode-se buscar inspirações de estilos de vida dos mais variados, consegue-se mesclar interesses e grupos, ou seja, o que as redes sociais oferecem ao jovem

moderno é uma multiplicidade imediata de alternativas e recursos para a construção da sua personalidade.

A partir do exposto, é imprescindível compreender como são percebidas e estruturadas as culturas juvenis a partir das influências das redes sociais. Nesse sentido, o presente ensaio pretende apresentar, em um primeiro momento, a constituição do jovem enquanto sujeito social diverso e influenciado por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, tais como as redes sociais. Posteriormente, a discussão contemplará o âmbito das culturas juvenis e suas formas de manifestação e (re)afirmação. E, por fim, se buscará entender de que maneira a relação entre os jovens e a redes sociais pode contribuir para uma compreensão desta categoria e como as instituições sociais podem se amparar neste diálogo para se aproximar e perceber as necessidades desta juventude.

2. Percorso metodológico

Considerando o intento, este estudo se identifica como pesquisa exploratória e descritiva em que se busca maior familiaridade com a temática, com vistas a torná-la mais compreensível, assim como uma descrição mais detalhada de suas características (GIL, 2008). Sampieri, Collado e Lúcio (2006) afirmam que as pesquisas exploratórias visam examinar um tema pouco estudado, enquanto a pesquisa descritiva busca especificar propriedades e características importantes do fenômeno analisado.

Foi desenvolvido seguindo abordagem que se assenta numa perspectiva qualitativa e dialética, seguindo os movimentos e contradições próprios dos espaços educativos. O uso da abordagem qualitativa na área da educação se justifica pela natureza dialética do espaço escolar. Borba (2001) destaca que nesse tipo de abordagem não há previsibilidade das perdas e ganhos e neste movimento, há a negação e afirmação das diferenças e igualdades nas práticas de quem está envolvido. “Na essência deste movimento antagônico, esta abordagem imprime uma rigorosa análise interpretativa e reflexiva da ação, sempre comprometida com o estudo dos valores, significados, crenças e rotinas presentes no campo investigado” (BORBA, 2001, p. 41).

Para a abordagem qualitativa, as interpretações podem variar, dependendo do ponto de vista e das construções vividas do sujeito que estiver à frente da investigação. Borba (2001, p. 44), argumenta que:

[...] na abordagem qualitativa, a interação contínua entre sujeitos, às suas experiências e o objeto a ser investigado oferecem à categoria da compreensão e

interpretação o rico movimento para o pesquisador captar a diversidade inerente à concreticidade do mundo real, que não se deixa conhecer pelo uso da razão.

Contou com pesquisa bibliográfica que possibilitou o contato direto dos pesquisadores com o que já foi escrito, analisado e estudado sobre o assunto abordado (MARCONI; LAKATOS, 2010). Seguem ainda orientações dessas autoras quando destacam que pesquisas com esta técnica não se tratam de mera repetição de ideias, e sim, da análise “[...] de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 183). Foi realizada a partir de material publicado, com incidência em obras de autores como Abramo, Leon e Freitas (2005), Amaral (2014), Bauman (1997), Carrano (2011), Dayrell (2003), Enne (2010), Etikson (1972), Gramsci (1995), Laranjeira, Iriast e Rodrigues (2016), Leão, Dayrell e Reis (2011), Novaes e Vital (2006), Peralva (1997), Santos (2011), Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvaes (2003), Stamato (2009), entre outros, pelo fato de que apresentam estudos relacionados ao tema. A busca pelos dados, nas obras referenciais, orientou-se pelas considerações já mencionadas na introdução, que deram origem a duas categorias nas quais está estruturado o estudo, quais sejam: juventudes, culturas juvenis e formação do sujeito jovem na sociedade atual e juventudes, modernidade e suas relações com instituições sociais.

3. Juventudes, culturas juvenis e formação do sujeito jovem na sociedade atual

A conceituação do termo “jovens” ou “juventude” é algo que foge à mera semântica e está associado às concepções e referências teóricas das quais partem as reflexões que se propõe desenvolver. Nesse sentido, observa-se Dayrell (2003), para o qual:

Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos (DAYRELL, 2003, p. 40).

Não é possível, portanto, delimitar de forma universal em que faixa etária de sua vida um sujeito é *jovem* ou qual o limite de idade que os integrantes de um grupo devem ter ou não para serem considerados como parte integrante da *juventude*, pois, como afirma o autor, é a partir das representações próprias de cada sociedade/meio cultural que se desenvolvem as percepções que marcam os sujeitos juvenis.

Ao encontro disso, destaca-se que a *juventude*, a despeito do caráter homogêneo que se almeja impor por determinados padrões e discursos culturais, deve ser compreendida de fato como *juventude*, no plural, pois, de acordo com Abramo, Leon e Freitas (2005), há uma multiplicidade de perspectivas a partir das/nas quais devem ser entendidos e inseridos os jovens da sociedade contemporânea (social, cultural, política, econômica e outras), havendo uma grande diversidade de universos vivenciais, perfis e características individuais e coletivas, que determinam a existência de distintas *juventude* em nosso tempo histórico atual.

Compreende-se, portanto, que as culturas juvenis são distintas e diversas, não havendo homogeneidade no processo de construção social das identidades juvenis. Devendo-se ressaltar, contudo, o fato de que as juventudes, bem como os demais indivíduos e grupos que vivem em sociedade, estão sujeitas às influências e determinações culturais do seu tempo histórico e meio sociocultural, pois:

[...] as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são fenômeno puramente natural, mas social e histórico, datado, portanto, e inseparável do lento processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que ela implicou em termos de ação voluntária sobre os costumes e os comportamentos, ou seja, naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo (PERALVA, 1997, p. 15).

Ou seja, os perfis, hábitos e representações das juventudes atuais são construídos a partir das referências, hegemônicas ou contra-hegemônicas, existentes na sociedade contemporânea. Isso ocorre por meio de um processo no qual, para Enne (2010), são três os pilares culturais que se relacionam às juventudes: o ser jovem, as mídias e a sociedade de consumo - pautada por padrões dominantes, estereótipos e modelos hegemonzados. Destacando-se, em tal perspectiva, o papel das chamadas “redes sociais” e das representações e relações que se desenvolvem por meio delas.

Sem intenção de demarcar uma valorização ou desvalorização do universo de interação existente no meio digital (algo que demandaria um estudo mais aprofundado sobre esse tema), observa-se que tais práticas de expressão e construção da identidade juvenil atual inserem-se num contexto daquilo que Bauman (1997) intitula como sociedade líquida, na qual tudo é inconstante e dinâmico, onde há muita informação e pouco conhecimento, havendo assim o cenário dado para a propagação de ideias e posições pré-

concebidas e socialmente naturalizadas, as quais resultam em sujeitos sociais acríticos e reprodutores das realidades existentes.

Entrementes, é importante destacar que, por mais que tenham suas manifestações e padrões próprios, as redes sociais ou universo digital não estão ilhados do restante da sociedade, recebendo, portanto, influências e determinações do todo social. Ao pensar nessa dinâmica, nota-se aquilo que Gramsci (1995) define como ideologia e hegemonia social, resultando na existência de uma ideologia socialmente dominante, fundada nos costumes e padrões culturais hegemônicos, que é transmitida por mecanismos institucionais de alienação e coerção e reproduzida pelos indivíduos no senso comum - potencializada por meio das interações em massa das redes sociais.

Tem-se, assim, juventudes múltiplas e diversas, com culturas e constructos sociais próprios, ao mesmo tempo que formadas e desenvolvidas em interação com o restante da sociedade, sendo, na medida em que todos os sujeitos sociais o são, influenciadas e determinadas pelos padrões e ideologias/contraideologias atualmente existentes.

Todavia, Enne (2010) faz a sua ressalva destacando que a construção das identidades individuais e de grupo possibilita que as juventudes se tornem mais autônomas e livres de padrões hegemônicos com o passar do tempo; ao encontro de Carrano (2011), para o qual existe aos jovens a possibilidade de afirmarem suas próprias identidades, a despeito de heranças familiares/institucionais e/ou outras imposições sociais a que estão sujeitos.

Há, portanto, um desafio posto para a sociedade atual: como oferecer às múltiplas e diversas juventudes existentes, principalmente em esferas institucionais como a escola, a possibilidade de uma formação sólida e bem orientada, que respeite as características individuais e de grupo e ao mesmo tempo promova os estímulos necessários para a formação de sujeitos sociais críticos e autônomos?

4. Juventudes, modernidade e suas relações com instituições sociais

As instituições sociais eram demarcadas como aquelas responsáveis pela transmissão, para as novas gerações, de culturas e valores em uma determinada sociedade. No entanto, com a significativa ampliação dos instrumentos e recursos da modernidade, os processos de socialização “[...] se apresentam como possibilidade de redefinição e invenção das capacidades formais de aprendizado, habilidades cognitivas, criatividade” (LARANJEIRA, IRIART, RODRIGUES, 2016, p. 119).

Entendemos que a juventude, por mais que consiga ir além das instituições e crie a sua própria cultura, ela ainda se encontra inserida em um meio social e depende deste para a construção das suas relações e das suas trajetórias. Neste sentido, notamos que diversas instituições têm se adaptado para corresponder aos anseios desta categoria social, tentando fazer parte do universo juvenil e criar um diálogo aproximado. Ainda, é importante perceber que os jovens têm aparecido como protagonistas do seu contexto, pois não apenas se adaptam as mudanças rápidas de produção e reprodução da vida social, como também reforçam este estilo de vida.

Os dilemas e perspectivas juvenis estão inscritos em uma sociedade globalizada, em que a tecnologia aliada às diferentes mídias contribui na “[...] propagação veloz de certos símbolos e valores pelos mais diversos países o que permite que jovens - de diferentes condições sociais e de diferentes locais do mundo - de alguma forma partilhem um mesmo universo de preferência” (NOVAES; VITAL, 2006, p. 113).

A partir deste cenário, percebemos que algumas instituições se beneficiam com essa identidade juvenil enquanto outras acabam perdendo espaço de influência. Por um lado, percebemos que as esferas midiáticas e do consumo encontram representatividade frente às necessidades dos jovens, se utilizando, principalmente, de mecanismos como as redes sociais. Estas instituições abarcam a diversidade juvenil, compreendem o dinamismo envolvido, valorizam aspectos estéticos e corpóreos, buscam uma linguagem em comum com a categoria e se utilizam de recursos visuais que despertam o interesse.

Em tempo, com a utilização destes recursos, as instituições mercadológicas se apropriam da característica da diversidade juvenil, mostrando que, mesmo em sociedades marcadas pela desigualdade, elas conseguem se aproximar e criar identificação com os diferentes grupos formados, ou seja, independente da identidade desenvolvida ou assumida pelo jovem, ele encontrará espaço e receptividade nos meios virtuais.

Por outro lado, percebemos que as instituições consideradas mais conservadoras, tais como a família e a escola, encontram dificuldades adaptativas no universo juvenil. Se focarmos no ambiente escolar, notamos que muitas vezes o jovem é visto apenas como o estudante em um momento específico e não como um sujeito autônomo que faz parte de um contexto social, cultural e político maior. De acordo com Santos (2011, p.12),

[...] ser jovem estudante hoje é estar condicionado por uma espécie de disputa ideológica. [...] nosso futuro é disputado por forças: por um lado, o mercado de

trabalho e, em alguns casos, a nossa família nos pressionando para que trabalhemos. E por outro lado, temos um monte de sonhos, de vontade de ser o que de fato somos, vontade de seguir os nossos desejos. Ainda temos a televisão e as ferramentas desse sistema que vão nos condicionando a ser aquilo que não queremos ser.

Nesta perspectiva, “[...] pouco se apreende sobre os sujeitos reais que frequentam a escola, as múltiplas dimensões da sua experiência social, suas demandas e expectativas” (LEÃO, DAYRELL, REIS, p. 1068). A escola, então, não é vista como uma instituição que valoriza a diversidade juvenil, pelo contrário, ela tenta homogeneizar o jovem de forma cultural, política e social. Assim, a inserção do jovem no ambiente escolar gera inúmeras expectativas, que na sua maioria não são atendidas, pois a relação escola e juventude é perpassada por limites e dificuldades.

No entanto, de acordo com Amaral (2014, p.38),

[...] A condição de aluno na escola parece naturalizada. [...] cotidianamente, a escola é “invadida” pela vida juvenil, com seus visuais, seus estilos, sua música e sua cultura, que emergem neste cenário como objetos de resistência e identidade. Nas práticas das culturas juvenis produzem-se saberes que não estão presentes ou não são considerados na escola e, em seu espaço, não têm lugar apropriado.

Se ampliarmos o horizonte institucional, percebemos que muitas vezes não somente a instituição de ensino, mas também a família e o mundo do trabalho não percebem o jovem além das características comumente associadas a eles, tais como, a rebeldia, o desinteresse e rito de passagem da idade. A dificuldade em ver o jovem como um sujeito social, que consegue se posicionar e estruturar sua existência cria um abismo nesta relação. As próprias formas de expressão juvenil, demarcadas tão fortemente pelas redes sociais, são ignoradas ou desassociadas dos interesses ou propósitos destas instituições.

Neste sentido, e pensando na formação do jovem atual e na ampliação de novos recursos de identificação, reconhecimento e afirmação, por mais que as instituições sociais tenham seus espaços consolidados, se faz necessário a abertura de uma reflexão sobre suas estruturas e finalidades perante uma categoria que tem ganhado cada vez mais espaço e tem se tornado central nos meios sociais. Estas instituições, mesmo não sendo mais colocadas como exclusivas na questão cultural juvenil, elas ainda são experiências estruturantes que conduzem a vivência juvenil nas suas relações e ações.

Assim, a construção dos estilos de vida dos jovens, segmentado em diferentes papéis sociais e (re)afirmado em diversos espaços, concretos ou virtuais, que vão além de uma

cultura institucional, de forma geral, mais homogênea, precisa ser revisto sob outros ângulos, dando oportunidade para que suas identidades sejam reconhecidas e que haja a interiorização destes jovens nos diferentes espaços sociais em que ele está inserido, ou seja, é fazer com que estes jovens não somente tenha que estar neste lugar mas que ele queira estar, que ele se sinta acolhido, valorizado e integrado objetiva e subjetivamente.

Acreditamos que as instituições de caráter mercadológico já abriram espaço para escutar a cultura juvenil e, mais ainda, entendeu as formas de se chegar até ela. Sendo assim, a proposta não é que as demais instituições deixem de lado seu papel social para atender prontamente ao que os jovens almejam, mas seria, primeiro, ter a percepção de que os jovens possuem uma cultura diversificada, que é fortemente compartilhada e mantida por recursos associados a essa cultura, tais como as redes sociais. Segundo, considerar as formas como outras instituições conseguiram criar um diálogo de aproximação e de identificação com a juventude, seja por meio da linguagem ou de instrumentos. Por fim, entender que o jovem é um sujeito social, com autonomia para partilhar suas visões sobre o mundo social, cultural, político e institucional, possibilitando uma maior democratização dos espaços, ou seja, escutar e trazer para dentro das instituições a multiplicidade de saberes e vivência que a juventude possui a partir de suas vivências num contexto em transformação.

4. Considerações finais

A partir das análises e reflexões realizadas neste ensaio, constatamos em resposta às problemáticas de pesquisa inicialmente apresentadas, que a relação entre as juventudes, em suas múltiplas e diversas culturas juvenis, e a sociedade atual é algo complexo que ainda requer muita observação, estudo e compreensão crítica por parte de estudiosos e educadores.

O fenômeno das redes sociais, por exemplo, parece apresentar-se como um espaço no qual a pluralidade das juventudes atuais se manifesta livremente, onde os sujeitos e coletivos encontram os seus pares e desenvolvem noções de pertencimento que são limitadas e/ou restringidas em outros meios sociais - como por exemplo instituições tradicionais: família, escola, entre outras.

Porém, ao observar criticamente essa mesma questão, percebemos que, apesar do aparente aspecto de democratização e inclusão desses espaços, há uma série de fatores que condicionam, influenciam e, portanto, podem acabar por determinar essas culturas juvenis:

a midiaticização e o marketing mercadológicos e ideológicos, o estímulo ao individualismo e à construção de personagens virtuais que copiam e reproduzem padrões hegemônicos no meio (como a importância de se ter quantidade elevada de amigos/seguidores, curtidas, feedback positivo em fotos e postagens, etc.).

Ao encontro disso, é importante compreender que, mesmo sendo um universo com referências próprias e óbvia relevância na sociedade atual, o mundo virtual não é de fato um mundo à parte, não está alheio àquilo que Gramsci (1995) define como ideologia dominante e hegemonia social. As redes sociais também reproduzem e reforçam, inclusive e sobretudo junto às juventudes, os padrões, costumes e valores que foram construídos historicamente e são hegemônicos na sociedade contemporânea burguesa.

Nesse sentido, entender e respeitar as manifestações e formações de identidades juvenis em espaços como as redes sociais é necessário para se construir alternativas (em instituições de ensino, por exemplo) que, ao mesmo tempo que acolha e aceite as singularidades de cada grupo e indivíduo, apresente aos jovens de nosso tempo histórico uma formação/orientação crítica que os tornem efetivamente autônomos e independentes frente aos estímulos midiáticos e ideológicos que se propagam de forma massificada especialmente nos ambientes virtuais de interação.

Destarte, é preciso considerar que:

[...] A formação da identidade recebe a influência de fatores **intrapessoais** (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores **interpessoais** (identificações com outras pessoas) e de fatores **culturais** (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003, p. 107).

Isso é fundamental para que as juventudes atuais possam ser consideradas de fato diversas e plurais - e não parte de um mosaico socialmente construído pelos padrões e referências hegemônicas da sociedade. Também para que possam fazer aquilo que ressaltam Enne (2010) e Carrano (2011): tornarem-se livres de padrões hegemônicos e afirmarem suas identidades a despeito de heranças familiares/institucionais e/ou outras imposições sociais.

Assim, ressalta-se a importância social e acadêmica de se pesquisar/estudar o tema em questão, para compreendê-lo de forma mais aprofundada e, a partir disso, construir alternativas educacionais atualizadas e devidamente qualificadas que possam atender aos interesses/necessidades das juventudes, proporcionando a conscientização necessária para

que elas construam seus projetos de vida e se coloquem na sociedade como sujeitos sociais críticos, autônomos e capazes de contribuir com a transformação das realidades existentes.

Por fim, constatamos que outros desafios e perspectivas pairam nas reflexões sobre os contextos do universo juvenil. Dado o mérito do tema, esperamos que o presente estudo estimule novas investigações, dando continuidade às análises sobre a temática com outras buscas teóricas e empíricas de aspectos que problematizem as juventudes na contemporaneidade.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel; LEON, Oscar Dávila; FREITAS, Maria Wvirgínia. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

AMARAL, Márcio de Freitas. Culturas juvenis e experiência social: reflexões sobre os jovens na contemporaneidade. **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 104, p. 36-38, jun. 2014. Disponível em: <https://sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista>. Acesso em: 14 mar. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

BORBA, Amândia Maria de. A metodologia pertinente ao estudo da identidade de professores na prática da avaliação escolar. **Contrapontos**, Itajaí, v. 1, n. 1, jan/jun de 2001. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br//seer/index.php/rc/article/viewFile/31/28>. Acesso em: 26 jun. 2020.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, vol. 12, n. 26, p. 07 - 22, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24209>. Acesso em: 14 mar. 2021.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000300004&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 20 nov. 2020.

ENNE, Ana Lucia. **Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade**. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, vol. 7, n. 20, p. 13 - 35, 2010.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARANJEIRA, Denise Helena Pereira; IRIART, Mirela Figueiredo Santos; RODRIGUES, Milena Santos. Problematizando as transições juvenis na saída do ensino médio. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 117-133, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v41n1/2175-6236-edreal-41-01-00117.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcisio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v32n117/v32n117a10.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

NOVAES, Regina; VITAL, Christina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, Andrés (Org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo: Petrópolis, 2006.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 15-24, 1997. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/rbe/files/rbe_05_e_06.pdf. Acesso em: 22 nov. 2020.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Mará del Pilar Baptista. Tipos de Pesquisa. In: _____. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, Tábata Silveira dos. S. **Sociologia é o limite!!!**. [Internet] São Paulo: Marise Von. 09 jul. 2011. Disponível em: <http://sociologialimite.blogspot.com/2011/07/o-jovem-nao-e-indiferente-entrevista.html>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estud. psicol.**, Natal [online]. vol. 8, n. 1, pp.107-115, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000100012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 mar. 2021.

STAMATO, Maria Izabel Calil. Protagonismo juvenil: uma práxis sócio-histórica de formação para a cidadania. In: XV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 2009. Maceió. **Anais...** Maceió: ABRAPSO, 2009. p. 1-8. Disponível em: http://abrapso.org.br/siteprincipal/index.php?option=com_content&task=view&id=342&Itemid=96. Acesso em: 14 mar. 2021.

Sobre os autores

Marcos Elías Emerim

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Especialista em Supervisão e Orientação Educacional (IBF), em Pedagogia Social e Elaboração de Projetos (IBF) e em Educação em Direitos Humanos, Diversidade, Questões Étnico-Raciais e Sociais (FAVENI). Licenciado em Pedagogia pela UERGS. Atualmente é Orientador Educacional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) – São Leopoldo – RS.

E-mail: marcoseemerim@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0040-887X>

Josimar de Aparecido Vieira

Doutor em Educação pela PUCRS. Mestre em Educação pela UPF. Licenciado em Pedagogia pela Unochapecó. Atualmente é Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da área de Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Sertão*. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do IFRS – *Campus Porto Alegre*.

E-mail: josimar.vieira@sertao.ifrs.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3156-8590>

Rhuany Andressa Raphaelli Soares Faturi

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é Assistente de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Matemática - *Campus do Vale Agronomia*.

E-mail: rhuany.faturi@ufrgs.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8416-2036>

Recebido em: 13/10/2022

Aceito para publicação em: 02/08/2023